

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**“VIGIAR OUTROS CORPOS E CONTESTAR SUAS BARRIGAS”: UM ESTUDO
SOBRE PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO ENTRE UM
GRUPO DE MULHERES NA CIDADE DE MAPUTO**

Autora: Midália Madó Alexandre Uamba

Supervisor: dr. Emídio Vieira Salomoni Gune

Maputo, Março de 2013

**“VIGIAR OUTROS CORPOS E CONTESTAR SUAS BARRIGAS”: UM ESTUDO
SOBRE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO ENTRE UM
GRUPO DE MULHERES NA CIDADE DE MAPUTO**

O candidato

Midália Madó Alexandre Uamba

**Projecto de pesquisa apresentado na modalidade de Trabalho de culminação de estudos
em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura
em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.**

O Supervisor

O presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Março de 2013

Declaração de honra

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para obtenção de qualquer grau académico.

Midália Uamba

Maputo, Março de 2013

Dedico esse trabalho aos meus pais: Alexandre Uamba e Modesta Raimundo que me ensinaram a ver o valor dos estudos.

E as minhas irmãs, Ayusca, Vilma, Eunísia, a minha prima Ancha e ao meu sobrinho Evan-yen, para que sigam o mesmo exemplo.

Agradecimentos

O presente estudo foi realizado com a contribuição de certas pessoas que merecem o meu agradecimento especial:

A Deus por me iluminar durante estes 4 anos, ao meu pai por ter-me dado a oportunidade de ingressar na Universidade, sem ele nada seria realidade. A minha mãe que sempre esteve disposta a ouvir as minhas reclamações e me encorajou nos momentos de dificuldade. E as minhas irmãs pelo apoio.

Ao dr. Emídio Gune, meu supervisor que com muita dedicação deu o melhor de si para que este trabalho se tornasse realidade. Ao dr. Gune vai o meu agradecimento, a minha admiração e reconhecimento pelas qualidades académicas que mostrou durante a realização do trabalho, e por ter-se mostrado sempre aberto a ajudar na melhoria deste trabalho através dos comentários, discussões e sugestões. E enquanto docente do curso de Antropologia que tive o privilégio de frequentar nestes 4 anos.

A todos os docentes do departamento do curso de Antropologia da faculdade de letras e ciências sociais da Universidade Eduardo Mondlane que orientaram o curso durante esses 4anos, pelos conselhos e ensinamentos.

A tia Celeste, a Isabel Muchine, Joana da Lúcia e a tia Celeste (donas dos salões onde fiz o trabalho), pela recepção. E aos participantes deste estudo por terem aberto suas vidas, vocês são as protagonistas desta pesquisa.

Agradeço igualmente a todos meus colegas do curso, e em especial ao meu grupo de estudo que sempre esteve disponível a prestar a sua ajuda e pelo encorajamento durante todos esses anos a vocês: António Nhaposse, Edson Mugabe, Efraime Nhabanga, Esperança Cuna, Hélder Amâncio e Mariza Chivangue.

E a Minha amiga Marcelina Mugabe que sempre esteve comigo nesse desafio da descoberta do mundo académico.

A todos vocês meu Muito Obrigado!

Resumo

O presente relatório de pesquisa analisa processos de construção do corpo. Este assunto tem sido estudado a partir da abordagem biológica que pensa a construção do corpo associado a um fenómeno neuro-fisiológico, a partir do qual o corpo é visto como tendo uma dimensão natural, justificada por práticas biomédicas e explicada de forma essencialista por meio da dimensão biológica. Se por um lado, essa abordagem permite compreender como o corpo é construído por meio da dimensão material, por outro lado, esta perde de vista a dimensão simbólica a ela associado.

A partir da constatação da limitação da abordagem biológica propus-me a realizar uma pesquisa tendo em conta as dimensões socioculturais e simbólicas que estruturam o processo de construção do corpo. Para realização da pesquisa, foi adoptada a abordagem qualitativa que privilegiou o método etnográfico com uso de técnicas de observações, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas.

Dos dados etnográficos recolhidos, o estudo revela que o processo de construção do corpo feminino entre o grupo de mulheres estudado é feito pela vigia dos corpos umas das outras e pela contestação ou até mesmo a eliminação das suas próprias barrigas. O estudo mostra ainda que dentro desse processo, eliminar a barriga surge como uma prática que se destaca, e aparece como continuidade de uma lógica tradicional institucionalizada pelo “amarrar a barriga” que já se fazia algum tempo atrás e que hoje ganhou novas formas que convive com a lógica tradicional.

Palavras-chave: Corpo, Construção social e dimensão simbólica

Índice

Declaração de honra.....	3
Agradecimentos	5
Resumo	6
1.INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	3
3. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL	8
Conceitualização:.....	9
Construção social.....	10
Controlo social:.....	10
Corpo:	11
4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	13
4.1.Método	14
4.2.Técnicas de recolha de dados.....	14
4.3.A realização do trabalho	15
4.4.Constrangimentos no processo de recolha de dados.....	17
5.1. A ideia de barriga.....	19
5.2. Vigiar os corpos uma das outras e contestar ou até mesmo eliminar suas barrigas.....	21
5.2.1. A vigia dos corpos entre as mulheres	21
5.2.2 Contestar seus corpos ou até mesmo eliminar suas próprias barrigas	24
5.3. Eliminar a barriga: inovação ou continuidade?	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	29

1.INTRODUÇÃO

Na de tarde do dia 21 de Outubro 2012, sentada na sala de aula a assistir uma aula entra uma mulher trajada de um vestido verde, uma bolsa preta e uma sandália castanha, convidei-a para sentar-se ao meu lado e ela aceitou. Após ter-se sentado fiz um comentário a elogiar a forma como o vestido tinha ficado bonito no seu corpo. A mulher pôs-se a sorrir e disse: *“achas mesmo que estou bonita hummmm, como posso estar bonita gorda do jeito que estou, e com essa barriga grande?”*

Foi a partir desta experiência que serviu de inspiração para realização desta pesquisa exploratória com objectivo de compreender o processo de construção do corpo entre um grupo de mulheres na cidade de Maputo.

Os estudos sobre o processo de construção do corpo revelam que, o corpo constitui um objecto cujo conhecimento atravessa fronteiras disciplinares distintas, por envolver dimensões da existência humana reivindicada por áreas específicas do saber (Sarti 2010).

No campo das ciências sociais o estudo do corpo sempre foi visto como um campo promissor de investigação, desde Marcel Mauss, que chama atenção para “necessidade de se fazer uma descrição dos usos que homens e mulheres fazem do corpo” (Alves 2011).

No entanto, a partir do século XX o corpo ganha lugar e valor central nas sociedades modernas com o chamado culto ao corpo, ideologia que tem como eixo central a preocupação com o volume e as formas do corpo (Botelho 2009).

Esta preocupação é hoje facilitada pela média que todos os dias publica notícias, programas de televisão, reportagens em revistas e jornais com matérias sobre como ter o “corpo perfeito”, qual é a dieta da moda, e exhibe publicidades de produtos que acabam com a “gordura” localizada em apenas alguns dias e também mostra imagens de mulheres com corpos esculpidos e bronzeados (Botelho 2009).

Entretanto, dentre as inúmeras maneiras de se teorizar sobre o assunto, a relação corpo e práticas alimentares tem sido dominante, na discussão sobre o processo de construção do corpo (onde a dieta se apresenta como um aspecto importante) (Santos 2006).

Contudo, evidencia-se como problema, o facto de que esses estudos mesmo na perspectiva das ciências sociais se desenvolvem frequentemente em espaços institucionais vinculados a área da saúde cuja organização segue a lógica dos saberes biológicos que pensa o corpo associado a um fenómeno neuro-fisiológico (Sarti 2010).

A meu ver, essa forma de pensar a construção do corpo torna-se problemática porque, a abordagem biológica olha o processo de construção do corpo a partir da dimensão material do corpo. Esse pensamento torna-se limitado porque não dá conta da complexidade que se estabelece dentro da dimensão simbólica da construção do corpo.

A partir desse problema, a presente pesquisa procura responder a seguinte pergunta de partida: Como é construído o corpo feminino entre um grupo de mulheres na cidade de Maputo?

Em termos de estrutura, o relatório tem 5 secções: num primeiro momento apresento a introdução, onde enuncio a problemática de pesquisa, que me conduz a elaboração da pergunta de partida.

Num segundo momento, apresento a revisão da literatura, onde trago de forma sintetizada os principais pontos de reflexão (dividido em duas linhas de abordagens) feitos por alguns autores em volta do assunto a tratar. Em seguida apresento a orientação teórica e conceptual do estudo, onde mostro a forma como pretendo olhar para o assunto (o sentido que se pretende dar a pesquisa) através da adopção da abordagem teórica que servirá de base de orientação do trabalho.

No terceiro momento relato o procedimento metodológico adoptado para o levantamento de dados que fundamentam esta pesquisa. Neste capítulo (da metodologia) mostro quais os procedimentos e instrumentos de recolha e análise de dados que se vão adoptar na elaboração da pesquisa.

O quarto momento, reservo ao desenvolvimento do trabalho recolhido no campo. Aqui apresento e discuto os dados divididos por secções que me permitem sustentar o argumento principal do meu estudo e reforço com citações de alguns trechos de falas (conversas com as informantes) e situações observadas no campo com o intuito de sustentar validade do meu argumento.

No quinto e o último momento apresento as considerações finais, onde faço referência as principais constatações que tive a partir de todo processo de revisão bibliográfica, recolha de dados até a fase da análise e interpretação dos dados.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Da revisão da literatura que aborda sobre o assunto constato que, a construção do corpo tem sido discutido a partir de duas principais linhas de abordagem: A biológica/ nutricional (ligada a biomedicina moderna) tida como dominante nos estudos sobre o corpo; e abordagem sócio-antropológica que surge como reacção à abordagem biológica dominante.

Segundo Canasqui e Separavich (2010), antes da concepção moderna que vê o corpo como uma ordem social, a medicina ocidental atribuiu uma dimensão natural ao corpo para justificar certos comportamentos sociais e práticas biomédicas.

Neste contexto, a abordagem nutricionista surge como uma corrente que compreende a construção do corpo a partir da relação corpo e alimento que ocorre dentro de um processo biológico que defende que, cada alimento exerce uma função nutritiva no organismo para o alcance do bem-estar físico (Maturana 2010).

Esta corrente olha o alimento como algo comestível que contem os nutrientes necessários à vida e, que aparece como uma substância ao corpo destinado a servir a fome voltada ao instinto biológico inerente a sobrevivência de todas espécies. Para esta perspectiva as pessoas ao se alimentarem têm em vista nutrir biologicamente o corpo para garantir a sua sobrevivência (Maturana 2010; Canesqui e Garcia 2005).

Assim, o alimento e o comer surgem dentro desta perspectiva com características de satisfação das necessidades fisiológicas do corpo humano. Onde, o corpo passa a ser visto como tendo uma dimensão natural, justificada por práticas biomédicas e explicadas de forma essencialista por meio da dimensão biológica (Silva et al 2010).

Esta abordagem (biológica) caracterizou-se acima de tudo por procurar explicar o corpo de forma material por meio de leis independentes da visão do sujeito (Ferreira 1998: 2).

Mais tarde, o corpo passou a ser estudado dentro das ciências sociais onde se procurava numa primeira fase, padronizar o estágio civilizatório em que se situavam as diferentes colectividades. Alguns destes estudos foram desenvolvidos pela antropologia dos anos 80, que entendia o fenómeno corpo como um processo natural com cunho biológico, resultante da evolução psicológica e fisiológica da espécie (Bertole filho e Obregon 2000).

Estes estudos foram desenvolvidos pela “antropologia médica que teve como principais referências de origem os trabalhos de Good (1994), Kleinman (1980, 1995), Schepher-Hughes e Lock (1987), trata de uma antropologia, de base empírica, que analisa a diversidade em torno das concepções de corpo e de doença, situando-se por referência ao sistema biomédico oficial (Sarti 2010:8).

E a partir dos meados dos anos 1930, surgem as ideias de Marcel Mauss que atribui ao corpo mais do que uma essência biológica, ao defender que a sociedade articula técnicas corporais que vão de encontro com os valores e necessidades culturais específicas, (Bertoli filho e Obregon 2000).

Tempos depois surgem seguidores do pressuposto estabelecido por Mauss que, desenvolveram o pensamento estruturalista dominante nas ciências sociais a partir da década de 1960, onde Claude Lévi-Strauss aparece como representante, que veio a destacar o carácter simbólico e a representação social inconsciente do corpo e do que ele se refere indirectamente tal como: os desejos, os prazeres, a dieta e a sua representação social, associando esta gama de situações e fenómenos com as estruturadas básicas da cultura e dos valores sociais (Bertoli filho e Obrego 2000).

Desde então, estudos de antropólogos como, Moore 1997, Helmen 2003, Stolberg 2007 têm problematizado a existência de uma universalidade ligada a ideia de corpo natural tal como é concebida biologicamente no ocidente. E apontam para construção sociocultural do corpo, que ultrapassa a concepção essencialista tida até então como única (Canesqui e Separavich 2010).

E surgiu assim a abordagem sócio – antropológica (antropologia da saúde, fiel à tradição relativista da disciplina) que vem problematizar a forma como a abordagem biomédica olha para a construção do corpo, ao defender que, o corpo é moldado tanto culturalmente quanto

habita nele a ordem simbólica que ultrapassa a dimensão biológica (Canesqui e Separavich 2010).

A partir desse momento (que se problematiza a forma como o corpo era concebido pela perspectiva biológica), as concepções antropológicas que dizem respeito ao corpo se posicionam em contraste com as concepções das ciências ligadas á biomedicina com carácter universalizante, por olharem o processo de construção do corpo de forma limitada porque escapa-lhes a compreensão das especificidades simbólicas em relação as construções e aos cuidados corporais presentes em cada contexto (Fassheber 2001).

De acordo com (Prado et al 2011), se por um lado, a biomedicina se apropria do alimento compreendendo-o como elemento da ordem da natureza, associado a uma concepção de corpo orgânico e funcional; Por outro, a antropologia tem a “comida” como elemento de ordem da cultura, associada a uma concepção de corpo social, que é expressão da organização social onde está imprensa a estrutura social, que podem ser lidas as relações que os indivíduos estabelecem entre si, e como um lugar de controlo social que se manifesta através das suas regras e práticas corporais (Canesqui 2010).

O corpo é para Lévi-Strauss citado por Knopp (2008 [1965; 1968]), a melhor ferramenta para aferir a vida social de um povo porque cabe a ele exprimir um conjunto de valores, crença e ideias aprendidas durante a vida numa determinada sociedade ou cultura. Falar de corpo é falar de manifestações simbólicas dotadas de significados e sentidos, representados no conjunto de relações sociais que os indivíduos estabelecem no dia-a-dia.

Na mesma linha de pensamento Berger (2006), olha o corpo como um reflexo da sociedade que articula significados sociais e que vai para além dos mecanismos fisiológicos. E defende ser impossível pensar o corpo sem considerar a pluralidade de sentidos que ele engloba visto que, cada prática que envolve o corpo se explica por uma razão específica dada pelo contexto sociocultural em que foram produzidos.

Para Separavich e Canesqui (2010), o corpo é a matriz de múltiplos significados que servem como metáfora poderosa da sociedade onde o que uma determinada sociedade permite ou proíbe, promove ou interdita nas interações corporais se expressa nele. Desta forma, o corpo passa ser visto como portador de significados culturais, que possibilita perceber como os grupos sociais ou cada sociedade expressa seu funcionamento, pois nele esta imprensa a estrutura social onde podem ser lidas as relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Assim em Goldenberg (2004), o corpo é visto acima de tudo como uma construção cultural, que abarca o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura. Por isso que, em cada sociedade existe uma construção cultural do corpo, com valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, o que faz com que haja um corpo específico em cada contexto.

Assim sendo, cada cultura constrói sua imagem de corpo que se institui como maneiras próprias de ver e viver o corpo. Essas imagens se constroem a partir de diversos relacionamentos que ali se estabelecem, o que mostra que, em cada sociedade e em qualquer grupo sempre existe uma imagem social do corpo que é um símbolo que provoca sentimentos de identificação ou rejeição dos sujeitos em relação a determinadas imagens (Russo 2005).

Os nossos corpos são vitimizados por políticas de saber e padrões que nos identificam, classificam, reclama, estigmatiza, formam e deformam as imagens que temos de nós mesmos e dos outros. Assim sendo, o homem vive o seu corpo não a sua maneira e vontade. Ele experimenta a todo momento uma aprovação social da sua conduta. Onde este corpo tem que saber comportar-se conforme regras e técnicas estabelecidas pela sociedade (Russo 2005:4).

Por isso, este corpo deve ser entendido como elemento dinâmico, mutável e inscrito na história da sociedade. Ao se compreender o corpo desta forma, abre-se a possibilidade de se evidenciar os sentidos atribuídos aos corpos, os diferentes usos feitos dele que se encontra relacionado a um contexto social e histórico específico, que evidencia traços importantes que nos leva a compreender determinadas sociedades. Uma vez que, neles podem estar revelados os valores e as normas que caracterizam um grupo social (Amaral 2008:3).

Assim sendo, pensar o corpo mergulhado num contexto histórico, implica um reconhecimento deste para além de uma concepção biológica ligada ao funcionamento orgânico compreendido pela sua fisiologia, por isso, o culto ao corpo demanda uma reflexão onde o ponto de partida é apresentada pela ideia que defende que, a cultura se apropria do corpo biológico para redefini-lo em termos sociais e transforma-lo em corpo cultural (Dante 2010).

Autores como Sarti (2003, 2010), acrescentam que ao contrário da concepção biológica, que pensa o corpo associado a um fenómeno neuro-fisiológico. O corpo na perspectiva

antropológica só se faz presente dentro do registo simbólico, uma vez que este constitui-se como realidade humana pelo significado a ele atribuído pela colectividade, e pela noção de pessoa, pois o corpo faz-se humano porque está constitutivamente inscrito em um sistema simbólico.

Desta forma, a abordagem antropológica toma o corpo como uma construção cultural, a partir da qual habita a ordem simbólica que ultrapassa a dimensão física, e integra a teia de relações e normas sociais, o que permite que se olhe o corpo dentro do seu contexto pois, a sua concepção se difere nos grupos sociais e nos processos de socialização que lhe são específicos. Como uma construção social, no corpo encontram-se inscrito ideias, crenças e imagens que se fazem dele. Por isso se a imagem dominante valorizada socialmente for uma pessoa magra, emagrecer será o ideal de todos (Canesqui e Separavich 2010).

A partir das abordagens apresentadas, me parece que, se por um lado, a primeira abordagem (biológica), ajuda a compreender a construção do corpo por meio da dimensão fisiológica, por outro lado, ela apresenta limitações porque centra-se apenas na dimensão material do corpo e escapa-lhe a compreensão das especificidades simbólicas em relação as construções corporais presentes em cada contexto.

Por sua vez a abordagem sócio-antropologica embora leve em conta os aspectos culturais e simbólicos presentes em cada contexto continua a dar ênfase ao aspecto material do corpo por explicar essa construção através da relação corpo e alimento onde a dieta se apresenta como um aspecto importante. E ao agir assim, esta abordagem acaba por transportar os valores de um contexto para explicar como se estrutura a construção do corpo em outros contextos.

Se por um lado a construção do corpo com recurso a dieta nos permite perceber o contexto de estudos específico desses autores (antropólogos), por outro lado, pode não servir para explicar a lógica que estrutura a construção do corpo em outros contextos.

Diante dos problemas apresentados, entendo que se torna relevante fazer uma pesquisa etnográfica preocupada em compreender como os sujeitos em cultura pensam e vivem o corpo. Porque abre espaço para que se leve em conta os aspectos simbólicos deixados de lado pela perspectiva biológica/nutricionista e por me permite revelar como o corpo é construído no contexto específico do meu estudo.

E me apoio em Fassheber (2001) para mostrar que a visão sobre o corpo, o uso técnico dele, o lugar e a construção dele na sociedade são tão diversas que jamais uma explicação universalizante daria um suporte válido à denominação do corpo através de nossas visões do mundo.

3. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Para orientar a análise dos dados recolhidos durante a pesquisa exploratória foi adoptada a perspectiva construtivista, porque como defende Peirano (1992:44) “o processo de descoberta antropológica resulta do diálogo entre a teoria e a observação que traz novos desafios para ser entendida e interpretada”.

A teoria construtivista surge como uma concepção epistemológica que assume o conhecimento como uma construção do sujeito e busca compreender a complexidade do fenómeno humano. Esta perspectiva surge como uma nova visão do mundo que procura contrapor-se as visões objectivas regidas por leis, e explicadas por uma única visão, á essencialista (Ferreira 1998: 9).

De acordo com Ferreira (1998), os construtivistas como Von Glaser Feld (1994, 1995), Von Foerster (1994), Mahoney (1991,1998), Niemeier (1993,1997) e Brumer (1986,1995) dentre outros ressaltam que o indivíduo constrói o conhecimento através de suas crenças com os alicerces da sua construção do mundo. Por isso que, a realidade deve ser vista como uma construção social desenvolvida através de praticas sociais específicas de cada contextos históricos.

O construtivismo como teoria defende que o homem organiza várias experiências da sua vida através de um conjunto de significados que lhe permitem localizar-se no mundo e realizar seus projectos (Ferreira 1998:12).

No estudo sobre os fenómenos humanos, esta teoria privilegia o estudo das lógicas particulares de funcionamento da pessoa relacionando os indivíduos a sua cultura, ao seu grupo social e ao momento histórico onde se inserem. E a articula com o conhecimento do senso comum porque é a partir destes que o homem comum desenvolve seu mundo simbólico (Idem).

Nesta busca da compreensão do mundo simbólico do indivíduo, construída na sua existência cotidiana, o pesquisador deve submeter-se a uma visão diferente da sua postura, de forma a compreender, de forma abrangente a experiência do outro. Porque o seu maior interesse é de compreender a singularidade do “outro”, tendo como base as construções da realidade deste (outro) mesmo que aparentemente estranha (Idem).

Assim sendo, o Construtivismo rompe com a concepção objectivista de explicação da realidade por levar em consideração as especificidades das concepções que o indivíduo organiza em torno do seu sistema de construto pessoais cuja estrutura tende a ser preservada.

Pelo que foi dito, adopto a perspectiva construtivista do corpo que busca desnaturalizar esse fenómeno e dou um sentido construtivista a minha pesquisa. Porque comungo da ideia de se, olhar o corpo como uma construção que ultrapassa a dimensão natural e universal e procuro explica-lo do ponto de vista antropológico que se posiciona para além da explicação biológica, e olha para os significados e representações dos actores sociais.

Conforme salienta Sahlins (1997) citado por Sudo e Luz (2010), na cultura há modos de ordenação do real que se manifestam através de valores e significados que escapam às propriedades biológicas ou físicas, sendo algo unicamente humano. O uso dessa perspectiva nos permite olhar o corpo como uma construção social que carrega consigo significados que ultrapassa a dimensão física e integra a teia de relações e normas sociais presentes em cada contexto.

Conceitualização:

Em Prado et al (2011), conceituar é um método de definição da perspectiva de análise e de selecção de fundamentos, argumentos e teorias para sustentar a construção das categorias de análise. Desta forma, para nortear o entendimento do campo de conhecimento sobre a construção do corpo, considero como chave três conceitos nomeadamente: Construção social, corpo e controle social. Porque acredito que estes conceitos ajudarão na compreensão do meu objecto da pesquisa.

Construção social

Peter Berger e Thomas Luckman, na sua obra construção social da realidade olham os factos sociais como produtos de um processo histórico construído no dia-a-dia pelas práticas individuais e sociais, onde as formas sócias do passado são reproduzidas e transformadas através da interacção e praticas dos actores sociais. E a vida quotidiana apresenta-se, como uma realidade interpretada pelos homens e dotada de sentidos, por isso, se torna um mundo coerente para eles (Berger e Luckman 1988:35)

Em Berger e Luckman (1988) a construção social é o processo a partir do qual os homens atribuem sentidos e significado ao mundo através da interacção social feitas ao longo do processo de socialização, quando se passa a representar e atribuir significados ao mundo que os rodeia. Assim, construção social será o conjunto de interacção e mediação sociocultural que determina o modo como o homem tem de ver e representar o mundo.

Essa teoria (Construção social da realidade) é aplicada pela antropologia na compreensão do assunto sobre o corpo pelos autores Mauss 1934, Moore 1997, Helmeman 2003 e Stolberg 2007, que tem problematizado a existência de uma universalidade ligada a ideia de corpo natural, tal como é concebida biologicamente no ocidente. E propõem que se olhe o corpo como uma construção sociocultural, que ultrapassa a concepção essencialista vista como única (Canesqui e Separavich 2010).

Apresentadas as definições sobre o conceito de construção social, tenho de referir que concebo-o como sendo, toda realidade social interpretada por um conjunto de indivíduos sobre um determinado fenómeno. Esta ideia é igualmente defendida por Berger e Luckman (1988) ao afirmarem que, a construção social surge de todo um processo de atribuição de sentidos e significados tidos na interacção social.

Controlo social:

O conceito controle social tem origem na Sociologia e é empregue de forma geral, para designar os mecanismos que estabelecem a ordem social, (para por ordem na sociedade) e submeterem os indivíduos a determinados padrões sociais e princípios morais. De forma a

assegurar a conformidade de comportamento dos indivíduos a um conjunto de regras e princípios prescritos e sancionados (Correia 2005).

Para Gerth e Mills citados pelo dicionário das ciências sociais (1986:265) controlo social é exercido por ordens institucionais que se manifesta através de costumes, moda, convenção, lei e até por regras éticas.

O conceito de controlo social pode ser usado em dois sentidos distintos: no sentido restrito e alargado. No sentido restrito, o conceito controlo social corresponde a duas tarefas clássicas: vigiar e punir, que consiste num conjunto de mecanismos de monitoramento da acção individual e de sanções positivas ou negativas que servem de mecanismos normativos que, visam assegurar a conformidade das normas sociais (Ferreira et al 1995: 429).

No sentido amplo, a ideia de controlo social tem a dimensão de socialização e integração das normas e valores culturais que garantem o controlo da sociedade sobre o indivíduo. Nesta acepção alargada, o controlo social consiste na actuação dos mecanismos de socialização de montagem e sanção do comportamento (Idem).

Em Lakatos e Marconi (2006: 240), o controlo social pode ser interno ou externo: o interno, vem do próprio indivíduo que interioriza as normas e valores do seu grupo e convencido de sua validade, orienta sua acção de acordo com elas. O controlo externo é auto controle, exercido por vontade consciente do indivíduo baseado nos princípios, crenças e ideias dominantes em seu grupo e por ele aceite, este controle é exercido fora do indivíduo.

Este conceito (controlo social) é usado nesta pesquisa, para fazer perceber todo um conjunto de regras prescritas e sancionadas por uma dada sociedade. Especificamente, refiro-me, ao exercício ordenado por instituições que ao manifestarem-se pelos costumes visam, por um lado vigiar e punir e por outro, conceder valores e normas culturais (Ferreira et al 1995 e Gerth e Mills 1986).

Corpo:

O conceito corpo tem sido objecto de análise antropológica de diversos autores que atribuíram a este, uma dimensão social e histórica pertencente a um contexto específico. Assim, em Cavalcanti (2005), o corpo é definido como sendo universal, porque todos animais

possuem uma entidade orgânica que os caracteriza, mas a percepção ou a interpretação do que seja o corpo para os indivíduos é subjectiva com respostas bem localizadas culturalmente.

Honório (2006) também define o corpo, e entende que é uma construção histórico-cultural que carrega com si significados culturais que nos permitem perceber como os grupos sociais ou cada sociedade funciona. Assim sendo para este autor, cada sociedade possui o seu próprio significado do corpo e a forma como este é teorizado em cada uma das sociedades está ligada a noção de pessoa.

Para Silva (2010), o corpo é socialmente construído tanto nas acções quanto nas formas do seu funcionamento, por revelar normas e valores dos contextos históricos-sociais, que fazem parte do indivíduo enquanto ser humano desde o primeiro momento da sua existência. É através do ambiente sociocultural que surgirão os modelos de padrão de beleza, de saúde, de sexualidade e posturas corporais que fazem homens e mulheres acreditarem em um corpo determinado. Através destes modelos se constrói uma história do corpo como naturalizado.

Desta forma, a maneira como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade, em cada momento histórico. Assim, os conceitos de beleza podem ser muito distintos e variarem de uma região para outra, em um mesmo país, de um grupo social para outro, de um período histórico para outro (Heilborn 2006).

O corpo é visto acima de tudo como uma construção social, que abarca o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura. Na abordagem antropológica, o corpo é moldado tanto culturalmente quanto habita nele a ordem simbólica que ultrapassa a dimensão física, integrando-se a outras leis de relações sociais (Canesqui e Separavich 2010).

Le Breton (2006) reforça essa ideia ao afirmar que “antes de nada, a existência é corporal” porque nascemos, adoecemos e morremos num corpo. A partir desse momento, o corpo deixa de ser visto apenas através da perspectiva biológica e passa a ser vista como uma construção simbólica.

O uso social do corpo é uma dimensão da antropologia da pessoa que assinala como socialmente construídas as maneiras como caminhamos, sorrimos ou rimos, olhamos, escutamos ou empreendemos muitas das funções consideradas naturais de nossos corpos. O corpo enuncia o que a cultura o autoriza a enunciar, ele fala a partir de significados que são

atribuídos a ele. Essa é a primeira dimensão para desnaturalizar corpo. O que exige que seja pensado dentro de um contexto cultural específico a partir de práticas sociais também específicas (Heilborn 2006).

Assim sendo, o ponto de partida para o estudo do corpo passa por percebê-lo como fruto de uma elaboração cultural pois as percepções, as sensações físicas, os sentimentos que os indivíduos têm nos seus corpos são fruto da cultura. A forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito as ideias dominantes na sociedade em cada momento histórico e são efeitos da cultura (Heilborn 1997).

Vale destacar a partir do que foi dito que as construções das imagens que realizamos do corpo são mutáveis e influenciadas por representações e significados que se alteram no processo histórico-social (Maia, 2009 citado por Sudo e Luz 2010).

Entendo o conceito corpo como sendo universal porque em todas sociedades existe “corpo” onde se encontra inscrito um conjunto de valores, tal como refere Heilborn (2006), e contextual porque como um fenômeno social, este (corpo) é uma entidade vivida e pensada de forma diferente em cada sociedade e época, sendo também um espaço onde se inscrevem a noção de beleza.

O uso dos conceitos acima discutidos ajuda-me a compreender o objecto de pesquisa porque entendo que me permitem captar os significados que os indivíduos dão aos seus corpos na vida quotidiana. Daí a diferença do meu estudo com a dimensão biológica que nada nos diz sobre a forma como as pessoas dão sentido as suas vidas.

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Nesta parte do trabalho descrevo como foi o processo para obtenção de informações que me possibilitaram responder a minha questão de pesquisa. Em primeiro lugar começo por explicar o método usado nesta pesquisa, segundo faço menção as técnicas ou os instrumentos de colecta de dados que foram usados para realização da pesquisa, terceiro e último ponto explico como foi realizado o trabalho.

4.1.Método

O presente estudo foi realizado baseado numa pesquisa de tipo qualitativa com carácter exploratório que usou o método etnográfico. Porque segundo Minayo e Sanches (1993), o uso da abordagem qualitativa permite ao investigador explorar a subjectividade do objecto, o mundo dos significados, das acções e relações humanas e os aspectos que escapam através da revisão da literatura (pesquisa documental).

E o uso da Etnografia como método desta pesquisa foi devido a possibilidade que este (método) oferece na realização de uma pesquisa baseada no contacto directo (ida ao campo) com os actores sociais. Tal como defende Leach (1982), ao afirmar que as acções podem ser melhor compreendidas quando observadas dentro do seu contexto, com intuito de captar como, quando e onde as relações existem (ambiente de ocorrência).

Assim sendo, o uso do método Etnográfico que se reflectiu pela ida ao campo, me permitiu estar no local onde sucediam os factos em primeira mão e me possibilitou ver as coisas que lá aconteciam. Tal como defendem Lima e Pachego (2006), a ida ao campo permite ao pesquisador presenciar as acções em diferentes situações e fazer perguntas a respeito das motivações, crenças e acções dos indivíduos de forma a compreender como estes (os indivíduos) estruturam o seu mundo.

4.2.Técnicas de recolha de dados

Para a recolha de dados foram aplicadas as técnicas da observação que pressupõe ver, ouvir e escrever o que acontece no seio do grupo onde é feita a pesquisa e o uso de conversas informais e entrevistas semi-estruturadas.

O uso das técnicas por mim adoptadas, teve-se em conta as orientações dos autores Malinowski (1984) e Oliveira (2006), para quem as conversas informais com a observação complementam-se, essa ideia é reforçada por Leach (1982) ao defender que o antropólogo deve ser capaz de obter informações a partir do uso de olhos e ouvidos de modo a descobrir como os informantes descrevem a sua cosmologia e aliado a antropologia interpretativa de Geertz (1989) quando sustenta que a cultura ou a realidade social do grupo a ser estudado

deve ser interpretada como um texto, “um manuscrito” estranho onde se constrói uma leitura através de uma descrição densa da estruturas de significados.

A técnica de conversas informais foram usadas neste estudo como forma de complementar os dados recolhidos a partir da observação e as entrevista semi-estruturadas por sua vez, permitiram colocar questões que me possibilitaram esclarecer aspectos que se tornaram pouco claros ao longo da observação. E não só, as entrevistas semi-estruturadas foram usadas neste estudo por constituir uma técnica que possibilita captar atitudes, motivações e opiniões acerca do que os entrevistados consideram como sendo aspectos relevantes num determinado problema (Richardson, 1999:208-212).

Optei também por usar caderno de campo para o registro dos dados recolhidos no processo da pesquisa de campo. O uso do caderno de nota nos permitiu registrar as conversas e as entrevistas tidas com as informantes no campo, e material dos aspectos que foi possível observar durante a minha estadia no campo.

A combinação dessas técnicas de recolha de dados me permitiu recolher narrativas contadas sobre o que elas fazem com seus corpos e as observações feitas no terreno permitiram-me ver o que estas mulheres fazem com seus corpos.

4.3.A realização do trabalho

O trabalho foi realizado em três fases complementares: a Primeira fase foi teórica, elaborada através de consultas a fontes bibliográficas nas bibliotecas Central Brazão Mazula e no Departamento de Arqueologia e Antropologia (UEM). Adicionalmente consultei artigos sobre antropologia do corpo, da saúde e doença e estudos feitos em outros países (Dissertações de mestrado e monografias) e artigos retirados da internet, tudo isso foi feito na Universidade Eduardo Mondlane.

A segunda fase realizei uma pesquisa exploratória de cariz etnográfica em três salões de beleza que servio de ponto de entrada para realização da pesquisa e se estendeu posteriormente a ida a um ginásio situado também na cidade de Maputo, onde procuramos seguir as informantes e mais tarde foi a casa de algumas informantes. A escolha destes locais foi motivada em parte porque estes eram locais estratégicos onde poderia encontrar mulheres

de várias faixas etárias que vão para esses locais (no caso do salão e do ginásio) para cuidarem dos seus corpos.

O trabalho de campo foi realizado desde o dia 18/09/12 até 22/10/12. Com mulheres de idade compreendidas entre 18 a 70 anos, algumas vivem no município de Maputo e outras no município da Matola. A pesquisa foi feita nos finais de semana, nomeadamente sábados e domingos nos primeiros momentos e mais tarde passaram a ser feitos apenas nos sábados por ser um dia em que os salões recebiam maior número de clientes comparativamente a outros dias.

A recolha de dados foi feita através da aplicação de técnicas de entrevistas semi-estruturais e conversas informais, conciliadas com a observação em ginásios e observação de mulheres que amarravam suas barrigas nas suas casas e de materiais como: revistas de beleza que mostram o que fazer para ter o “corpo perfeito”, programas televisivos que abordam matérias sobre moda, usados pelas informantes como referências que auxiliaram na construção do corpo.

As primeiras conversas para este estudo foram realizadas nos salões de beleza, e foram feitas de forma individuais onde procurei ouvir de cada uma delas as suas experiências no tocante ao que elas fazem para ter o corpo que elas definem como “bonito, em forma ou confortável” como elas referiam.

As entrevistas por sua vez foram geralmente iniciadas por uma questão aberta e a partir dos discursos iniciais, e os pontos levantados pelas informantes eram construídas as questões de condução da conversa de uma forma mais interactiva. O uso de entrevistas permitiu-me colher narrativas sobre as experiências vividas pelas entrevistadas, principalmente no que concerne aos mecanismos usados para construção dos seus corpos.

Das observações feitas no ginásio foi possível ver mulheres a saltarem corda, descerem e subirem escadas, correrem, andarem na esteira e pedalarem em bicicleta eléctrica como parte dos exercícios que ajudavam a “trabalhar o corpo”. Neste mesmo lugar era possível ver mulheres e homens a realizarem diversos tipos de exercícios como é o caso de exercícios para aumentar as nádegas, para tonificarem as pernas ou deixa-las firmes e os braços, faziam musculação, abdominais.

Na casa das informantes foi possível ver como elas amarravam as barrigas. Através das conversas estabelecidas no salão e no ginásio entendia melhor porque cada exercício era feito ou cada técnica era usada e para que serviam, o mesmo aconteceu com as mulheres que amarravam as barrigas.

4.4. Constrangimentos no processo de recolha de dados

Durante este processo deparei-me com alguns constrangimentos no campo como foi o caso de ser vista como alguém estranha naquele local, porque quase todas clientes que frequentavam o salão conheciam as funcionárias do salão; um outro constrangimento foi a dificuldade que tive em estabelecer entrevistas ou conversa individuais com mulheres “Gordas” porque de alguma forma sentia medo de abordar sobre o assunto com elas. Uma terceira dificuldade foi com relação ao uso da língua local *Changana* para me comunicar com uma das informantes.

Contudo apesar da dificuldade foi feito um esforço no sentido de serem ultrapassadas: Uma das formas para me livrar do estranhamento foi o uso da estratégia de ajuda, onde procurei desenvolver algumas actividades dentro do salão como foi o caso de ajudar as clientes a desmanchar seus cabelos que posteriormente iam trancar, lavar ou por produto e também ajudava a fazer acabamento de tranças feitas de mechas.

Esta estratégia me permitiu estabelecer conversas com as mulheres que eu ajudava no momento a desmanchar ou a trançar e também me permitiu ser vista no salão como alguém que ia para lá ajudar e conversar (para as donas do salão).

Para o caso da segunda dificuldade uma das formas de supera-la foi procurar ouvir por meio de conversas espontâneas que surgiam dentro do salão os discursos dessas mulheres acerca do meu objecto de estudo, uma vez que a minha presença no campo levava a que o tema fosse conversa de salão e também os programas de televisão assistidos no salão eram motivos de comentários de assuntos relacionados ao corpo.

No caso da última dificuldade foi superada com ajuda das trabalhadoras do salão que faziam a tradução das minhas perguntas para a informante e de algumas ideias da informante eram traduzidas em português para mim.

De forma geral, as entrevistas foram úteis para compreender o objecto do meu estudo. As conversas por sua vez ajudaram a ouvir o que elas dizem dos seus corpos; a ida ao ginásio ajudou a ver o que elas fazem com seus corpos alguns (exercícios feitos por estas mulheres para moldarem os seus corpos) e a ida a casa dessas mulheres ajudou também a ver algumas técnicas usadas por estas mulheres neste processo. Para além das entrevistas no salão e em casa das informantes e a observação no ginásio foram também observadas algumas revistas que dão dicas de beleza usadas por essas mulheres como auxílio nesse processo.

A escolha dos locais de estudo permitiu ter acesso a diferentes contextos visto que foi possível colher opiniões e visões diversificadas sobre a realidade social em estudo, o que permitiu que houvesse um entendimento mais abrangente do objecto de estudo. Os informantes no presente relatório são designados por nomes fictícios o que em parte revela o compromisso de confidencialidade entre pesquisador e informante.

O uso do método Etnográfico permitiu recolher dados que foram de encontro com os objectivos para a qual a pesquisa foi desenhada. Foi possível fazer a ligação entre os comportamentos individuais e os colectivos (Leach1982).

No entanto a partir desta pesquisa foi possível também reforçar a ideia de que o contexto vai para além do espaço geográfico onde as pessoas se encontram e tem a ver com a forma como as pessoas pensam e dão sentido ao mundo, isto é, visão do mundo das pessoas.

Esta constatação foi possível comprovar no salão onde diferentes mulheres partilhavam o mesmo espaço (que era o salão) mas tinham ideias diferentes no que concerne a forma de lidar com o corpo por pertencerem a quadro de interpretação da realidade também diferentes como a religião, crenças e costumes. Este ponto fez-me pensar na existência da diversidade na forma de construção dos corpos femininos que coexistem no mesmo espaço.

A terceira fase baseou-se em descrição, análise e interpretação dos dados a luz do problema que pretendo responder e do quadro teórico por me escolhido, onde analiso a construção da ideia de barriga; a vigia dos corpos entre as mulheres, a contestação ou até mesmo a eliminação de suas próprias barrigas; e por fim analiso a forma como esta lógica de construção do corpo se liga a uma lógica mais abrangente da construção do corpo.

5. VIGIAR OUTROS CORPOS E CONTESTAR SUAS BARRIGAS

Este capítulo encontra-se organizado em três secções. Na primeira secção mostro como é construída a ideia de barriga entre o grupo de mulheres do meu estudo.

Na segunda secção mostro como é construído o corpo entre o grupo de mulheres estudado. E com base nas entrevistas, conversas informais e observações efectuadas mostro que o processo de construção do corpo entre esse grupo de mulheres é feito pela vigia dos corpos uma das outras e pela contestação ou até mesmo a eliminação de suas próprias barrigas.

Na terceira secção mostro que, eliminar a barriga surge dentro desse processo como uma pratica que se destaca e aparece como uma continuidade de uma lógica tradicional institucionalizada pelo amarrar a barriga que já se fazia algum tempo atrás e que hoje ganhou novas formas que convive com a lógica tradicional.

Estas três secções são partes das evidências do argumento que construo, segundo o qual a construção do corpo feminino entre o grupo de mulheres na cidade de Maputo por mi analisado passa pela vigia dos corpos uma das outras e pela contestação ou até mesmo a eliminação das suas próprias barrigas. E que eliminar a barriga surge como continuidade de uma lógica tradicional institucionalizada pelo amarrar a barriga que já se fazia a tempos atrás e que hoje surge com novas formas e convive com a lógica tradicional.

5.1. A ideia de barriga

Nesta primeira secção pretendo mostrar que dentre as várias partes existente no corpo da mulher a barriga se evidencia como um lugar distinto e importante, onde tanto as mulheres que constroem seus corpos a procura de aumentar certas partes (como é o caso das nádegas e dos seios com ajuda de exercícios específicos ou com uso de roupas que dão volume ao corpo como sutiãs de esponja, ceroulas e calcinhas para aumentar tanto as ancas como as nádegas), assim como as mulheres que pretendem diminuir certas partes (principalmente a barriga) procuram elimina-la de modo a ficarem com um corpo sem barriga, tal como nos revela a

conversa que tive com um grupo de seis mulheres, sentadas numa sombra de mangueira localizada no quintal de uns dos salões onde fiz o estudo:

“Quando comecei a fazer ginástica meu propósito não era tanto que emagrecer porque sempre fui cheinha mas o que sempre me preocupou é o tamanho da minha barriga. Ela é muito grande porque após o parto do meu filho não consegui amarrar porque foi parto cesariana e até hoje minha barriga não voltou ao tamanho que tinha antes e isso sempre me incomodou, a partir desse momento comecei a usar chá chinês que ajudam a diminuir”(Melani 38 anos, residente do bairro da Liberdade,21.07.12).

O exemplo acima mostra que a preocupação dessa mulher é mais do que o corpo gordo que tem, o que conta para ela é o tamanho da barriga por isso que, mesmo não tendo como amarrar a barriga para que ela volta-se como ela mesma explica, buscou mecanismos que ajudassem ao menos a diminuir a sua barriga. Este cenário mostra como a barriga dentro do corpo desta mulher aparece como um lugar de destaque.

Uma história igual que mostra o lugar de destaque ocupado pela barriga é contada por Camila:

“Desde os meus 15anos fazia ginástica porque sempre achei que enquanto mulher precisava ter um corpo bonito, nádega em pé, e pernas duras. O tempo se passou, casei e após o nascimento da minha filha que foi de parto cesariana não tive como amarrar a barriga, de certa forma isso contribuiu para que minha barriga cresce-se do jeito que está hoje, e o corpo também engordou devido ao período de amamentação. Isso me incomoda porque torna-se difícil vestir roupas justas porque mostra algumas banhas na região da barriga e me deixa sem estética”(Camila 31anos,residente do bairro alto maé,01.09.12)

Como se pode ver nos dois exemplos acima apresentados, apesar de essas mulheres falarem dos seus corpos a preocupação central delas é com a barriga, porque o “corpo com barriga” é visto neste contexto como algo que esta forma dos padrões de beleza de corpo feminino estabelecidos. E por esse motivo o acto de amarrar a barriga é visto como uma instituição responsável por deixar o corpo da mulher “sem barriga”. Tanto é que, quando essas mulheres não conseguem amarrar as suas barrigas por terem tido um parto a cesariana estas continuam a buscar mecanismos para elimina-las.

Essa barriga por se apresentar como um lugar de destaque, acaba por ser alvo de vigia entre as mulheres, alvo de contestação e até mesmo algo que as próprias mulheres chegam a eliminar como será mostrado na secção seguinte.

5.2. Vigiar os corpos uma das outras e contestar ou até mesmo eliminar suas barrigas

Este capítulo encontra-se dividido em duas secções. Na primeira secção mostro como a vigia dos corpos é efectuada entre as mulheres e na segunda secção como a barriga é contestada e até mesmo eliminada.

5.2.1. A vigia dos corpos entre as mulheres

Como foi anteriormente dito a barriga se apresenta no corpo destas mulheres como um lugar de destaque, por esse motivo esta surge como um lugar vigiado por outras mulheres. Essa vigia se manifesta muitas vezes por meio de comentários que uma mulher faz sobre a estética do corpo de uma outra mulher, tal como contou a nossa informante durante uma conversa que tive com ela no salão enquanto eu à ajudava a desmanchar as tranças de mecha que tinha na cabeça para fazer novas tranças:

“São as cobranças que vem muitas vezes em forma de comentários que as mulheres fazem uma as outras que leva muitas mulheres a cuidarem dos seus corpos por exemplo você quando chega num grupo de amigas elas sempre comentam sobre alguma coisa em ti, ou dizem que estas gorda ou magra ou com uma borbulha na cara ou com a nádega mais grande em fim, há sempre um comentário sobre a sua aparência. Por vezes elas não comentam nada com sigo mas comentam com outras mulheres sobre ti e isso faz com que as mulheres se sintam obrigadas a estar com um corpo magro porque querem se sentir em mesmo pé de igualdade com as outras ou melhor que elas. Por isso, mesmo que a mulher gorda esteja bem na vida, acredito que todos os dias quando se deitam na cama para dormir o que elas mais desejam é emagrecer porque ser magra é sinónimo de ser apetitosa” (Marcela, 36 anos moradora do bairro da Coop, 08.09.12).

Como se pode ver nesse exemplo que acabo de apresentar, o facto de as mulheres comentarem sobre alguma coisa no corpo uma das outras mostra que estas estão umas a

vigiar as outras. E são essas vigias que vem muitas vezes em forma de comentários sobre alguma coisa na aparência dessas mulheres que leva a que muitas delas busquem mecanismos de cuidados com o corpo.

A esse propósito a conversa que tive com a Beatriz mostra que os comentários acerca da sua aparência a fez passar a caminhar na esteira e a tomar chá chinês para sentir-se confortável com o corpo como ilustra a conversa abaixo:

O que me levou a caminhar na esteira e a tomar chás chinês para ter um corpo não diria magro mas confortável, porque eu nunca fui magra, foi após eu não conseguir entrar em duas calças de jeans que as pessoas elogiavam quando me viam vestida destas calças [...]. E após ter o meu primeiro bebe passei a ouvir comentários como estas gordas, estavas melhor antes de engordar, enfim passei a tomar os chás (Beatriz de 31 anos de idade e residente na Matola, 01.09.12).

Como podemos ver nesse exemplo que acabo de apresentar o facto de as pessoas comentarem sobre a sua aparência fez-lhe passar a caminhar na esteira e a tomar chás chineses para que parasse de, se sentir vigiada pelas pessoas que comentavam sobre a sua aparência.

O cenário da vigia dos corpos é encontrado também nos pronunciamentos de uma outra informante que apareceu no salão num momento em que este se encontrava sem clientes. E ela conta:

“Decidi mudar a estética do meu corpo quando descobri que o meu namorado me traía com uma mulher mais magra que eu. A partir desse momento decidi emagrecer para estar como a moça que meu namorado me traiu com ela e também para evitar passar pela mesma situação em outros relacionamentos porque já me sentia mal por ouvir comentários das minhas amigas que diziam que eu estava gorda, mas os homens diziam que eu estava “boa” porque tinha saído um rabo que antes não tinha. E não só, ao lado das minhas amigas eu me sentia mais velha em relação a elas enquanto somos da mesma idade.” (Daniela de 22 anos de idade, residente do bairro da Liberdade, 20.07.12).

Este trecho de entrevista ilustra bem o cenário de vigia dos corpos umas em relação as outras. Onde após ter sido traída, a informante iniciou um processo de vigia contra o corpo da actual

namorada do ex-namorado dela, e após descobrir que se tratava de uma mulher magra, esta accionou um conjunto de mecanismos para que também ficasse magra. Um outro cenário de vigia que pode ser retratado nesse trecho é em relação as amigas da minha informante que a chamavam de gorda e por conta disso ela sentia-se até como se fosse mais velha em relação a elas mesmo sabendo que eram da mesma idade.

Numa conversa informal que tive com uma outra informante dizia:

“Antes de tudo saiba que se a mulher procura ter uma cintura fina, ter umas estenções ou uns sapatos de 15cm e uma calça tamanho 36 ela faz isso porque está preocupada com outra mulher, o conflito é sempre entre mulheres e não entre a mulher para agradar o homem isto porque uma mulher quer ter uma roupa sexy por causa da outra mulher e não pelo homem, mas o homem acaba se beneficiando com isso” (Marcela, 36 anos moradora do bairro da Coop, 08.09.12).

O trecho acima apresentado mostra que todo esse processo de vigia dos corpos entre as mulheres é feito tendo em conta as outras mulheres mesmo que usem como justificativa os homens é pelas mulheres que elas fazem. Como pode se perceber na conversa que ouvi de três mulheres em que uma delas pintava as unhas dos pés e as restantes duas estavam ao seu redor a olhar concordavam que:

“A mulher precisa se cuidar por que você nunca sabe como é a mulher que teu namorado encontra quando está por ai! As tantas é uma com estenções compridas até a cintura hahahhaaa [risos] nunca se sabe” (três mulheres a conversarem enquanto uma pintava as unhas dos pés).

Como se notou a partir dos discursos das nossas informantes a vigia dos corpos leva muitas vezes a que as mulheres procurem mecanismos de ficar com aparência que elas definem como aceitável, e no caso em que não conseguem chegar ao padrão aceite estas contestam seus próprios corpos principalmente a barriga ou chegam a buscar mecanismos para elimina-la como será mostrado na secção que se segue.

5.2.2 Contestar seus corpos ou até mesmo eliminar suas próprias barrigas

Nos discursos apresentados pelas informantes nota-se que o facto de elas não terem amarrado suas barrigas torna-se motivos para que estas contestem seus corpos por meio de reclamações ou por uso de outros meios. Contudo, existe vezes em que estas mulheres vão para além da contestação e buscam mecanismos para eliminar as suas barrigas.

Como mostra o exemplo:

“Devido ao desconforto com meu corpo quase nunca vou ao espelho e por isso voltei a frequentar ginásio onde faço exercícios que ajudam a eliminar a barriga e concilio com outras técnicas como: tomar água morna com vinagre, uso cinta que já não consigo sair de casa sem ela como forma de melhorar a estética do corpo”(Camila 31anos, residente do bairro alto mãe, 01.09.12).

Este exemplo retrata um cenário de contestação do corpo que desencadeou na informante a falta de vontade até de olhar-se no espelho. E como forma de ultrapassar esse desconforto conciliou um conjunto de técnicas para eliminar a barriga.

Uma evidência que ilustra a prática de eliminar a barriga é retratada na entrevista feita com o auxílio de uma tradutora:

“Eu já amarrei barriga de oito mulheres da minha família, minhas filhas, filhas das minhas irmãs e algumas netas. Isso porque, logo a pós o parto, a mulher deve amarrar a barriga durante 6 meses, esse procedimento é acompanhado por banhos quentes e massagens que se fazem na região da barriga durante uma ou duas semanas porque ajuda a limpar a sujidade que ficou acumulada durante os nove meses em que a mulher esteve grávida. Essa sujidade deve ser retirada porque ela é responsável por deixar a barriga da mulher grande e dura e conseqüentemente o corpo fica sem estética. E não só, Amarrar a barriga ajuda a deixar o corpo da mulher leve como se não fosse mãe porque a barriga volta ao tamanho anterior ao momento da gravidez. Então amarra-se a barriga pela beleza do corpo, porque uma barriga não amarrada fica grande dura e feia, ainda que a mulher vista roupas caras e bonitas não ficam bem no corpo e mesmo no momento de carícias entre o casal

quando um marido apalpa corpo de uma mulher que não amarrou a barriga é desagradável porque o corpo fica duro” (Carmelinda, 70anos de idade, residente na Pandora, 08.09.12).

Percebe-se a partir desse exemplo que a técnica de amarrar a barriga foi mencionada ao longo de todo o trabalho por ser uma prática responsável por zelar pela beleza dos corpos das mulheres. Por isso que as mulheres que não passavam por esta instituição contestavam seus corpos e procuravam mecanismos que as ajudassem pelo menos a diminuir a barriga.

Uma outra evidência que mostra como funciona a prática de amarrar a barriga:

“Foi minha sogra que me disse que tinha que amarrar a barriga depois do parto para que ela volta-se ao tamanho que estava antes da gravidez e também disse que amarrar a barriga depois do parto ajuda a fazer descer a sujidade que fica no interior da mulher que não saiu no momento do parto. Inclusive nos primeiros dias ela me amarrava com um lenço daqueles que se amarra na cabeça, mas outras mulheres amarram com capulana daquelas leves e requer algumas técnicas como é o caso de que o nó deve ser amarrado sempre no umbigo para permitir que ele esteja apertado para dentro da barriga” (Beatriz 31 anos, residente da Matola, 01.10.12).

A partir desses exemplos percebe-se que amarrar a barriga aparece como uma prática que se destaca nesse contexto por ser responsável em deixar os corpos das mulheres “sem barriga”. E percebe-se também que a preocupação com o corpo “sem barriga” é algo antigo neste contexto onde existem relatos de existência de uma instituição que zela pela busca desse corpo “sem barriga”

5.3. Eliminar a barriga: inovação ou continuidade?

De acordo com a literatura consultada para realização dessa pesquisa, actualmente existe uma multiplicidade de fontes de divulgação de mecanismos de eliminação da barriga como é o caso das revistas de moda e beleza, que dão dicas como a prática de exercícios físicos específicos para ficar com um corpo sem barriga, uso de cintas, chás chinês e cremes para eliminar gordura localizada.

Contudo, apesar dos vários mecanismos de eliminação da barriga que actualmente são divulgados, percebi que o grupo de mulheres do meu estudo constrói o corpo a partir da prática de eliminar a barriga, que surge neste contexto como continuidade de uma lógica tradicional institucionalizada pelo “amarrar a barriga” responsável por moldar os corpos das mulheres logo após o nascimento de um filho. Essa prática vem sendo passado de geração em geração pelas mulheres e hoje o seu uso é feito com novos mecanismos de acção que convive com a lógica tradicional, como contam as participantes do meu estudo:

“Muitas das explicações sobre porque temos que amarrar a barriga as velhas é que sabem, porque a muito tempo as mulheres como nossas avós, sogras e mulheres mais velhas da família faziam isso e hoje existem mulheres que ao invés do lenço ou da capulana usam cintas cremes, fazem exercícios como abdominais para eliminar a barriga. Mas também tem mulheres que fazem as duas coisas por exemplo amarram a barriga quando estão em casa e põem cinta quando vão trabalhar, outras ate fazem as duas coisas amarram a barriga com lenço e põem cinta ao mesmo tempo” (Beatriz 31 anos, residente da Matola, 01.10.12).

Essa conversa mostra que a prática de eliminar a barriga mais do que um empreendimento moderno é algo antigo neste contexto porque como ilustra a conversa acima já faz um tempo em que as mulheres eliminam as barrigas como uma das formas de construção dos seus corpos, isto reflecte a existência de uma continuidade da lógica tradicional que convive com as novas formas da sua execução.

“Amarrei a barriga porque minha Avó aconselhou-me a amarrar desde o dia que começasse a amamentar e só devia parar depois que o meu filho deixa-se de mamar para que eu voltasse a ter a barriga que tinha antes de ter o meu primeiro filho. Eu como queria voltar a ter a barriga pequena que sempre tive, fiz o que ela disse, e amarrei durante um ano e seis meses e resultou. Hoje minha barriga está lisa e sem gordura [...]. Normalmente a barriga é amarrada com capulana, lenços, cintas e requer algumas técnicas como é o caso de que o nó deve ser feito no umbigo para permitir que este esteja apertado para dentro da barriga” (Viviane de 40 anos residente do alto-maé, 08.09.12)

Desta forma, percebe-se através dos discursos das informantes que a preocupação em construir o corpo por meio da eliminação da barriga é algo antigo no contexto do meu estudo

porque sempre houve o cuidado de se deixar o corpo da mulher sem barriga através da instituição de amarrar a barriga. o que se verifica nos tempos actuais é uma continuidade dessa lógica que se liga a uma outra lógica global de construção do corpo que ganha novas configurações (na formas de construí-lo) com o uso de multiplicidades de fontes com ajuda da tecnologia que trouxe esteiras eléctricas, bicicletas, cintas, sabonetes, cremes, revistas, tudo isso para deixar o corpo em “forma”.

Foi possível perceber também que a ideia de eliminar a barriga no contexto do nosso estudo carrega com sigo um significado que divide os corpos em duas categorias: por um lado existem corpos que se aceitam que tenham barriga e por outro existem corpos que não se aceitam que tenham barrigas.

Os critérios de aceitabilidade da barriga são permitidos as mulheres grávidas que são designadas “cocuanas” pelo seu estado (designação que é dada a mulheres de idade por estarem já cansadas e com a idade já avançada (as “verdadeiras cocuanas” neste contexto) e que se pensa que não precisam ser apreciadas nessa fase das suas vidas.

E não são aceitáveis que tenham barriga as mulheres que estejam numa fase das suas vidas que ainda podem ser apreciadas é o caso de mulheres não grávidas e que não sejam velhas porque estas ainda possuem uma força física.

Essa forma de pensar a barriga mostra que mais do que pensarmos o corpo e as partes que a compõem como algo natural em todos os contextos, abre-se espaço para pensa-la como construções contextuais que carregam com sigo significados e símbolos que fazem com que as pessoas vivenciem e façam usos diferenciados deles. Uma vez que as práticas corporais se diferem no interior de cada sociedade, porque pertencem a manifestações com distintos significados carregados de valores vigentes em um determinado estrato sociocultural.

Assim os usos do corpo devem ser vistos como resultados de normas culturais tal como afirma (Honório 2006). Por esse motivo as distintas formas de interpretações do uso corpo nos possibilitam fazer uma leitura das diversas formas de vivência dos indivíduos com os seus corpos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou o processo de construção do corpo entre um grupo de mulheres na cidade de Maputo. E a partir dos dados e das reflexões teóricas trazidas nesse estudo pude concluir que, a construção do corpo no contexto particular do meu estudo passa pelo "amarrar a barriga", contrariamente ao que se diz nas abordagens dominantes onde esta construção é pensada a partir da relação corpo e alimento em que a dieta se apresenta como um aspecto importante dessa construção.

Sendo Assim venho através do meu estudo mostrar que, a construção do corpo por meio da relação corpo e alimento (onde a dieta é destacada) se apresenta como uma dentre várias possibilidades de construção do corpo existentes.

Um outro ponto a se ter em conta é de que, a ideia de eliminar a barriga, mais do que uma prática "moderna", esta se apresenta neste contexto como continuidade de uma lógica "tradicional" institucionalizada a partir do "amarrar barriga" que já se fazia a um tempo atrás e que hoje ganhou novas formas no contexto moderno e convive com a lógica tradicional.

E por fim, importa realçar que os resultados apresentados neste estudo são de um trabalho de carácter exploratório, por isso reconheço que existem várias coisas nele que SERIAM interessantes DE SE estudar em futuras pesquisas dentre as quais destaco, que se procure compreender como é que os homens percebem os corpos das mulheres, visto que ao longo da pesquisa os gostos dos homens eram usados como justificativa para que as mulheres combatessem as suas próprias barrigas.

REFERÊNCIAS

Alves, Fábio Lopes. 2011. *Os usos sociais do corpo durante a interação social entre garotas de programa e clientes*. São Paulo: Arte & Ciência, V6,n1. Pp: 1-17.

Amaral, Marcela. 2008. *O Fenómeno do Culto ao Corpo Moderno e a Magreza como Símbolo de Beleza: estudo sobre o movimento "Pró-Ana" no Brasil*. Lisboa. Mundos sociais: Saberes e praticas. Pp:1-10.

Berger, Mirela. 2006. *Corpo e identidade feminina: o culto ao corpo*. São Paulo. FLCH- Antropologia, USP- dissertação de mestrado. Pp:1-312.

Bertoli-Filho. C, e Obregon R. L. 2000. *Corpo, comunicação e educação*. UNESP - Campus de Bauru. Ciência & educação. Pp: 1-10.

Botelho, Flávia Mestriner. 2009. *Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo*. Rio de Janeiro. Revista Habitus: revista electrónica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, v. 7, n. 1, p. 104-119.

Canesqui, A e Garcia, R (org). 2005. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 20 Edição. pp: 306.

Canesqui, A, M. e Separavich M, A. 2010. *Girando a lente Socio-antropologica sobre o corpo: uma breve reflexão*. São Paulo, Saúde soc, v19.n2, Pp:1-11.

Canesqui, A. 2005. *Comentários sobre os estudos da antropologia da alimentação* in: Canesqui e Garcia (org), *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 20edicaõ. Pp:1- 306.

Cavalcanti, Diego Rocha Medeiros. 2005. *O surgimento do conceito "corpo": implicações da modernidade e do individualismo*. CAOS - Revista Electrónica de Ciências Sociais

Correia Maria Valeria. 2005. *Desafios do controlo social: subsídio para capacitação de conselhos de Saúde*. Rio de Janeiro. Editora Fio cruz.

_____ *Controle social e o protagonismo das classes subalternas fundamentadas no pensamento Gemaci*. Pp: 1-10

Da Silva Santos, L, A. 2006. *Corpo, o comer e a comida: Estudos sobre as praticas corporais e alimentares quotidianas a partir da cidade de Salvador- Bahia*. São Paulo.Pp:1-349.

Danta, Jurema Barros.2011. *Um ensaio sobre o culto do corpo na contemporaneidade*. Rio de Janeiro.V11,n3.Pp:898-912.

De Oliveira, R. 2006. Capítulo 1: *o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, in: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, Pp. 17-36.

Ferreira, j. et al. 1995. *Sociologia: Desvio e controlo social*. Portugal. Editora MC Graw-Hill. Pp: 429-430.

Ferreira, Ricardo Franklin. 1998. *Construtivismo: Um momento de síntese ou uma nova tese?* Pp: 1-17.

Fessheber, J.M. 2001. *Antropologia do corpo: reflexões sobre a diversidade corporal dos Xamas*. Campinas-SP. Revista Conexões. V1.n6. Pp: 1-23.

Geertz, Clifford. [1973] 1978. '*Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*' in: *Interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, Pp: 1-44.

Goldenberg, Mirian. 2005. *Gênero e corpo na cultura brasileira*. Rio de Janeiro. Psic. clin. Vol.17, n.2, Pp.65-80.

Heilborn, M L. 2006 *Entre as trama da sexualidade brasileira Estudos Feministas*. Florianópolis. Pp: 1-17.

Heilborn, M. 1997. *Corpo, sexualidade e gênero in Dora D. feminino e masculino: igualdade e diferenças na justiça*. Porto Alegre. Editora Sulina. Pp: 47-57.

Honório, M. das dores. 2006. *Botar corpo: um estudo sobre corpo e sexualidade com meninas de camadas populares*. Natal. Pp: 1-15.

Knopp, G. 2008. *A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea*. Salvador, Bahia –Brasil UFBA, iv ENECULT.

Lakatos, E, M e Marcone, M, A.2006. *Sociologia geral*. São Paulo. Atlas, 7ed.Pp

- Le Breton, David. 2007. *A sociologia do corpo*. Petrópolis-Rj. Editora Vozes, 2ª Edição. Pp:1-53.
- Leach, E. 1982. “Da etnografia totalizante a etnografia micro talhada. O meu tipo de antropologia”, in: *A diversidade do antropólogo*. Lisboa: Edições 70. Pp: 117-141.
- Malinowski, B. 1974. *Argonautas do pacífico Ocidental*. Ethnologia 6 (8): 17-37.
- Maturana, V. 2010. *Reflexões acerca da relação entre a alimentação e o homem*. São Paulo. Revista IGT, v. 7, nº 12. Pp:1-44.
- Maus, Marcel. 1974. “Sociologia e antropologia”: *As Técnicas do corpo*. São Paulo. Vol 2, EPU / EDUSP. Pp: 399-420.
- Minayo, e Sanches. 1993. *Quantitativo - Qualitativo: Oposições ou complementaridades*. Cadernos de Saúde Publica. Rio de Janeiro. Pp. 239-262.
- Peirano, M. 1992. *A Favor da etnografia*. Brasília. Série Antropologia. Pp. 2-21
- Prado, S, D. et al. 2011. *Comer, Alimentar e Nutrir: categorias analíticas no campo de pesquisa científica*. Revista colectiva ciência e saúde, vol16,n1.Pp: 155-163.
- Richardos, R.1999. *Pesquisa social, Métodos e técnicas*. (3ª edição). São Paulo. Editora Atlas. Pp: 208-212.
- Russo, Renata. 2005. *Imagem corporal: construção através da cultura do belo*. Campinas. Movimento e percepção. SP.v5n6. Pp:1-23.
- Sarti, C. 2010. *Corpo e doença no trânsito de saberes*. São Paulo. Revista Brasileira de ciências sociais (RBCS), Vol 25 nº74. Pp: 1-23.
- Silva (Coord). 1986. *Dicionário e ciências sociais*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Pp: 265-266.
- Silva, J, K. et al. 2010. *Alimentação e cultura como campo científico no Brasil*. Rio de Janeiro, Physis: Revista de saúde colectiva 20 (2), pp: 1-30.
- Sudo, Nara e Luz, M. Therezinha 2010 *Sentidos e significados do corpo: uma breve contribuição ao tema*. Porto Alegre, RS, Brasil CERES; Pp:1-10.